

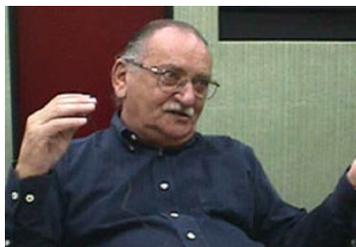


Sua revista virtual de Medicina

Edição nº 10

Copyright © 2000 Medicina On line - Revista Virtual de Medicina
Número 10 - Ano III (Abril/Dez de 2000)

Entrevistas



Prof. Horácio Ajzen

Ita: A Nefrologia realmente mudou (NR: Ita está referindo a Nefrologia da UNIFESP), expandiu de maneira importante. Porém, todo progresso tem um preço caro a se pagar. Não estou querendo ofender o chefe atual, mas a Nefrologia ficou tão ampla, tão grande que ficou impossível ter aquela característica antiga do chefe estar sempre presente nas visitas da enfermaria, por exemplo. Acredito que isto se deva ao aumento do número de atividades, numa progressão geométrica. Ficou impossível da gente chegar e poder ir lá na sala do chefe e reclamar e tudo mais. Queria saber como é que o senhor vê o futuro e isso que eu estou falando transcende os limites da Nefrologia. Acho que acontece provavelmente com vários setores. Queria saber como o senhor enxerga o futuro dentro deste contexto.

Prof. Horácio: É um ponto difícil. O que aconteceu na Nefrologia, que era um núcleo pequeno e muito regular, a medida que foi crescendo o número de indivíduos vão surgindo várias lideranças e cada uma dessas lideranças assume o seu grupo. O que eu senti, senti isso nos últimos tempos, que para você reunir o grupo inteiro na enfermaria para discutir o caso ou então nas reuniões de terça-feira e quinta, era uma dificuldade enorme. O indivíduo que fazia hipertensão, queria só fazer isso. Está faltando, no meu modo de ver, um pouco mais desse espírito coletivo e eu tenho medo disso. Passei a ter mais medo ainda quando, nesse Congresso de Natal, eu vi aquela senhora expor a opinião dos alunos sobre nefrologia. Os alunos não estão tendo noção do que é nefrologia, pois a nefrologia está tão dividida que eu tenho medo que ela acabe como Sociedade. Porque você já tem Sociedade de Diálise, de Transplante, você tem Sociedade disso, daquilo e a nefrologia como um todo está desbaratada. Também reconheço que a vida hoje é muito mais difícil do que era no meu tempo, cada um tem o problema do ganho econômico do dia-a-dia. Mesmo assim, acho que se não tiver um espírito coletivo, vamos nos perder. É certeza que você (aponta para a Ita) não sabe a metade dos trabalhos que estão sendo desenvolvidos na disciplina hoje e o Pavão idem e ele idem e assim por diante. Está muito setorizado e a nefrologia, como um todo está desaparecendo, entende? Acho que o espírito do conjunto está desaparecendo e ficando uma coisa muito individualizada. Lembro que, quando estava o Chico Figueiredo trabalhando com a gente, ele chegou um dia pra mim, e disse: "lá na bioquímica me ofereceram pra formar um laboratório", falei: "se você for

pra lá, você não volta mais aqui porque não quero divisões". Não sei se posso falar isso hoje, pelo número de indivíduos de vários setores, mas acho que isso é uma falta. Está faltando um elo entre os indivíduos. Sinto isso aqui no Hospital do Rim, quer dizer, todos os indivíduos da disciplina ainda não admitiram, dentro do seu coletivo, a importância desse hospital. Acho que o futuro de cada um da disciplina depende da fusão da disciplina com esse hospital, porque senão vai virar cabide de emprego. Tem muito blá, blá, blá e pouca ação coletiva, é isso que eu estou achando.

Sérgio Draibe: Eu queria contribuir e talvez ouvir a sua opinião sobre isso. Eu sempre fui pelo coletivo e tento, pelo tamanho atual da nefrologia, apresentar não como um chefe, mas sim como um coordenador desses vários grupos. Um exemplo desse gigantismo: o setor de uremia quer fazer um jantar. São 70 pessoas envolvidas no jantar, esse é o tamanho mínimo de uma reunião onde entram, obviamente, maridos e esposas do pessoal científico, sem contar nenhum funcionário. Nós estamos sofrendo um processo de crescimento e as dores do crescimento, o que que o senhor acha disso?

Prof. Horácio: É isso que eu estava dizendo. Realmente, as coisas aumentaram.

Sérgio Draibe: Só

Prof. Horácio: Pois é, tem o núcleo da uremia que é mais importante do que todos 70. Este núcleo é a cabeça dirigente da uremia, que tem que se unir com a cabeça dirigente da fisiologia renal etc. Cada um aprendendo e transmitindo para outro.

Sebastião: A nefrologia, no Brasil, acaba se espelhando aqui e na USP. Então, essa estrutura fragmentada é transmitida às faculdades pequenas que acabam achando natural, mesmo sendo pequena, a subdivisão em vários sub serviços. Essa colocação e essa responsabilidade do coletivo precisaria ser cada vez mais incentivada. Um pós-graduando que vem até aqui e fica só num setor, acaba por achar que isso é que é o normal!

Prof. Horácio: Eu acho que é verdade o que você está dizendo. Quando disse que fiquei um pouco mais preocupado nesse Congresso de Natal, em que a mentalidade do aluno não é mais nefrológica, a mentalidade do aluno é transplante, ou então é diálise. O aluno não sabe nada de fisiologia, não quer saber nada de fisiologia, não sabe nada de hipertensão, não sabe nada de sódio, potássio, nada de distúrbio ácido básico, hidratação, desidratação, ele não sabe nada disso... então isso me traz medo. A nefrologia tem uns 30 anos de existência como especialidade médica, talvez um pouco mais, mas está diminuindo. Basta ver que para você obter residentes de nefrologia é uma dificuldade. Acho que esse espírito coletivo precisa começar a funcionar e cada um reservar um tempo, saberque essa reunião é importante, mais importante do queir não sei aonde, que essa reunião eu tenho que ir porque eu tenho que contribuir! Caso contrario, a coisa não caminha.

Sebastião: O senhor dorme e acorda em que horários? Pratica esporte?

Prof. Horácio: Eu chego aqui no Hospital geralmente em torno de 8 horas. Segunda, quarta e sexta fico aqui no hospital até as 15 horas. Passo pelo Hospital São Luis e vou pro consultório. Nas terças e quintas, tenho ficado mais tempo e saio em torno de 17 horas. Aí eu vou para o consultório, quando eu tenho consulta nestes dias, chego em casa geralmente pelas 20 horas e aí janto. Vou dormir tarde geralmente, entre meia-noite, 1 hora da manhã e durmo

mal e acordo ainda a noite (*risada*) pra ler, ver alguma coisa na TV e volto pra cama.

Sebastião: Em casa como é que o senhor mata esse tempo? Gosta de navegar na Internet?

Sérgio Draibe: Tocar violino?

Prof. Horácio: Não, não, nada! Chego em casa, ligo a televisão para ver o noticiário e enquanto isso converso com a mulher. Quando tem algum filho converso com filho, geralmente não tem, pois os filhos só vem fim de semana. Ou então, o Sérgio ou alguém que telefona... todos os meus filhos telefonam diariamente para mim... Isso é uma coisa que não tem jeito, podem estar na Conchichina que eles me telefonam, todos os três. Então, geralmente, é eu e minha mulher, é um apartamento grande onde nós ficamos numa sala, na frente da televisão, conversando e ultimamente não vou nem a mesa para jantar, colocamos um carrinho na frente da televisão e a gente janta (*risos*)

Sebastião: Assistindo capítulo de novela? (*risos*)

Prof. Horácio: Não, não, não é novela! É, simplesmente, um noticiário, outro noticiário e a conversa do dia-a-dia, conversamos sobre netos, empregada e, atualmente, minha mulher trabalha no consultório comigo e com o Sérgio. Quem a levou para o consultório foi o Sérgio e ela está uns 8 meses lá, tempo integral, pôs o consultório em ordem. Ela foi lá e começou a pôr o arquivo em ordem, começou a fazer compras mais baratas...

Sebastião: Sérgio?

Prof. Horácio: Sérgio Ajzen, meu filho. Sábado e domingo é um dia normal, quer dizer, eu geralmente, venho no sábado no hospital

Sebastião: Mas para que?

Prof. Horácio: Para eu dar uma olhada (*risos*). Tenho a mania de 2 ou 3 vezes por semana começar a fazer uma visita no 9º andar e ir até o porão e olhar as coisas. O Sérgio Draibe diz que sou, como é que diz, perfeccionista.

Sebastião: E o senhor leva alguma coisa para estudar em casa?

Prof. Horácio: Não. Não, não, não eu não estudo nada! Quando preciso estudar alguma coisa, ligo o computador, tiro na Internet resumos e quando preciso alguma coisa, pergunto pra um pro outro. Depois de um certo tempo você aprende meio por osmose. Internet é ótimo porque você fica por dentro das coisas, mas em casa eu não ligo a não ser pra entrar no banco (*risada*), caso contrário não ligo não!

Sebastião: O senhor faz os pagamentos todos pela Internet?

Prof. Horácio: Não, nenhum. Quem faz tudo é minha mulher. Ela faz tudo pela Internet. Nunca tomei conta da parte financeira da minha casa, sempre foi minha mulher. Os primeiros ordenados que ganhei davam para ser guardados dentro de uma cigarreira que era do meu pai. Quando ele veio pro Brasil, ganhou uma cigarreira de prata que acabou ficando comigo. Os primeiros ordenados que eu ganhava dava pra guardar naquela cigarreira, (*risos*). Agora não, agora está lá de enfeite. É uma peça de prata pura, pesada, bonita, com monograma.

Sebastião: A Dona Léa jamais seria uma simples expectadora...

Prof. Horácio: Não, não é! Desde o primeiro dia ela não é uma expectadora. Ela influi, discute comigo, defende a posição dela, trocamos idéias e, mesmo na educação dos filhos, nós somos complementares. Se ela dava uma ordem, eu não a desobedecia mesmo que não estivesse de acordo. Poderia falar com ela depois, mas o filho não sabia que eu estava em desacordo. Ela sempre foi muito ativa em tudo, ela é participante até hoje gosta de trabalhar, tem prazer no que faz, é boa companheira, boa amante também. *(risos gerais, NR: o papo começa a esquentar...)*

Sebastião: E o Prof. Horácio paciente? O senhor passou por uns momentos aí meio ruins.

Prof. Horácio: Melhor para comentar isso é o Pavão

Sebastião: Conhecendo detalhes da medicina e, de repente, se tornar paciente numa situação desfavorável...

Prof. Horácio: É eu tive na vida algumas coisas desse tipo. Quando escolho um médico eu obedeço o médico. Tive internado várias vezes, nunca perguntei temperatura, nunca perguntei pressão e nem remédio que eu estava tomando...

Sebastião: Não dá vontade falar pro médico: "ei! troca isso por isso!"

Prof. Horácio: De jeito nenhum! Quando me mandam fazer o exame eu faço por pior que seja. Pavão teve essa experiência agora *(NR: médico do Prof. Horácio)*, Ele chegou e disse: "precisa fazer esse, esse, esse exames" Não perguntei na hora e nem quando levei os resultados para ele. Quando o Oswaldo estava aí a gente discutia, tomava umas atitudes juntos, tanto eu em relação a ele e ele comigo. Depois que ele faleceu, evidentemente, ficou muito pesado caminhar sozinho. Eu não discuto ordem por pior que ela seja

Sebastião: O senhor tenta estudar o próprio caso?

Prof. Horácio: Não tento estudar o caso. Quer dizer, eu mentiria para você, eu pego pela internet as coisas tá certo? Eu vejo, eu dou uma lida e tudo. No entanto, não discuto o problema com o meu médico, fica para mim, tá certo? Não discuti nenhuma doença com ele, ele que veio falar: "olha você tem isso, isso, isso, isso, precisa fazer isso e isso"

Sebastião: O Pavão deve suar frio cada vez que o senhor vai à consulta...

Pavão: Ele se comporta muito bem (risos)

Sebastião: Finalizando, é o seguinte: o senhor teve muitas alegrias, mas sobrou alguma coisa que o senhor faria diferente hoje? Sobrou alguma tristeza ou mágoa que o senhor tentaria corrigir?

Prof. Horácio: Não. No decorrer da vida, evidentemente, a gente tem alguns pontos altos e outros baixos, mas acho que os pontos altos foram muito mais positivos do que os baixos. Talvez eu devesse me dedicar um pouquinho mais para ganhar dinheiro, coisa que eu não fiz na vida e não faltaram oportunidades. Unidade de Diálise, por exemplo, só fui abrir uma quando ela deixou de dar lucro. Poderia ter aberto unidade de diálise há não sei quanto tempo...

então hoje, se eu tivesse que voltar, dou esse conselho para os mais moços: "precisa cuidar um pouco da vida particular, que faz falta quando você tem mais idade". De repente você fica mais velho... você passa pela medicina, as pessoas começam a te achar um pouco mais velho e procuram o pessoal mais moço... Muita gente da clínica particular morre e assim por diante. Uma reserva financeira, eu acho que isso.... isso é que me arrependo um pouquinho de não ter feito.

Sebastião: Esse consultório do senhor, hoje, está nesse contexto?

Prof. Horácio: Para sobreviver! Claro! Faz falta! Lógico que não é por esporte! Nada que eu faça é por esporte no momento (*risos*).

Sebastião: Obrigado pela paciência e pela oportunidade de entrevista-lo

Prof. Horácio: Sebastião, eu que queria agradecer ... é uma honra. Agradeço também a paciência dos meus amigos Sérgio, Ita, Marcelino, Pavão, foi uma conversa boa, eu gostei de recordar coisas que as vezes a gente tem medo de recordar. Então foi muito bom. Muito obrigado pela oportunidade.

Para ser comunicado das novas edições ou de quaisquer modificações em Med On Line ou então, para opinar sobre as matérias desta edição, basta clicar [aqui](#)

